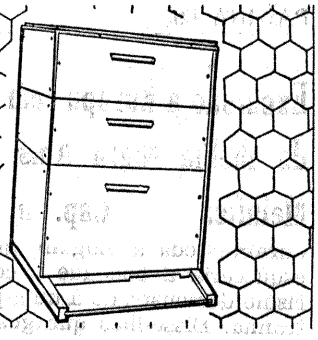
SE ÊSTAS SATISFEITO COM "A COLMÉIA"
DIGA-O AOS SEUS AMIGOS, NÃO ESTANDO,
DIGA A MIM. PRESTIGIE E PROPAGUE-O.

A Colméia



ANO 1º. — SANTA MARIA, 1.º DE JANEIRO DE 1972 — Nº. 6

Jornal Tecnico de Apicultura, Agricultura. "Cultura e História"
Edição Mensal
Têrmo de deposito do registro Nº. 1078
Assinatura anual: Cr. 10,00

Proprietário: Diretor e Editor: Bruno Schirmer
97.100 Santa Maria
Rua Duque de Caxias 1295
Rio Grande do Sul Brasil

Caixa Postal, 472 — Enderêço telegráfico e fonográfico «A COLMÉIA» — Fone 2116

EDITORIAL

"A Colméia" n.º cinco atrazou cinco dias e mais dois dias para a expedição. O motivo é que fui acometido de uma gripe estranha, guardei o leito durante dez dias, após ter impresso as primeiras quatro páginas.

Esta gripe zombou de todo tratamento moderno da medicina, o qual, naturalmente, evitou complicações, graças ao meu médico particular, Dr. Arnaldo Koehn.

Assim mesmo, o n.º 5, já foi distribuído para todos os assinantes. Enquanto isso, continuo recebendo adesões de todos os lados, e algumas cartas, conforme o assunto, serão transcritas no jornal,

A apicultura este ano mostrou uma pequena melhora, tendo 90% das abelhas africanas morrido no inverno. Porém, informação me vem de todos os lados. dizendo que novamente estão surgindo enxames africanos.

Aqui preciso lançar meu veemente apelo, a quem de direito, que em 1967, recebi amostras de abelhas africanas, colhidas no apiário africano, mantido por maldade "para fins de estudos" pelo "genetista" Kerr que de 1956 até 1967, continuou irradiando aquela abelha maligna, a fim de completar a destruição da nossa florecente apicultura.

Para nossa "vergonha internacional", ainda há brasileiros traidores ou idiotas, que dão ouvidos às mais torpes mentiras, espalhadas pelo Kerr, de que as abelhas africanas produzem 80% mais que qualquer outra abelha.

Chega dessas mentiras idiotas. Sozinho mesmo, enfrento esta corja de traidores e criminosos, que me destruiram uma fortuna! Chega de Lamarcas no comando da apicultura. Chega!

Transcrevo a seguinte carta que está em meu arquivo:

Ribeirão Preto. 29 de agosto de 1967 - Prof. Bruno Schirmer, Santa Maria - RS.

Presado Sr. Bruno

Meus sinceros votos que tenha feito uma ôtima viagem ao Canadá e um feliz regresso à Pátria. Cá estamos em plena atividade profissional e procurando aplicar algumas técnicas aprendidas no Congresso dos Estados Unidos. Conforme lhe prometi, remeto-lhe hoje algumas abelhas africanas, devidamente fixadas Dietrich e álcool 70%. Em anexo seguem algumas separatas oferecidas pelo Dr. Kerr. Atenciosamente. Lionel Segui Gonçalves.

Como prova esta carta, em 1967 Kerr ainda mantinha o posto de irradiação contínua, desta maldita bastardia africana.

No exame que fiz nas amostras das abelhas africanas do Kerr, constatei, conforme Gottfried Götze, que se tratava da abelha unicolor apis capensis, apis ligustica. leves traços da abelha adansoni e mais uma raça, que suponho parecida com a apis cerana, que habita o Afagnistão.

Enfim, constatei uma miserável bastardia, de cruza imprópria.

Após um ano, encaminhei estas amostras de abelhas do Kerr, juntamente com mais coleções das abelhas africanas chegadas aqui no Rio G. do Sul. para a Confederação Alemã de Apicultura, para serem distribuidas aos diversos institutos científicos, a fim de serem classificadas.

Devo informar aqui, para todo mundo civilizado, que os institutos de pesquisas alemães, não me informaram nada. apesar da promessa do meu amigo pri Dr. Friedrich Ruttner, de assim que ele recebesse as amostras, mandar-me-ia o resultado dos exames.

Como se vê, os cientistas alemães negaram-se a opinar sôbre as abelhas bastardas do Kerr. Será por solidariedade a um pseudo genetista, judas pretencioso e covarde, ou de impotência em analisar uma tal bastardia? Em todo caso, aqui fica lavrado meu protesto.

O leitor deve ler com atenção a página central do n. 6. onde vou dar um leve toque, como e com que raça de abelhas deveremes reerguer nossa apicultura.

Para isso, só o nosso governo é capaz de fazer alguma coisa. Eu um João Ningném, não tenho força, sozinho, Porém tive a temeridade de desencadeiar uma revolução que "ninguém mais segura".

O grito de guerra foi dado e ecoou nos quatro cantos do mundo. Serei ouvido? Ou serei uma vítima. como foi Monteiro Lobato!

Bruno Schirmer

Ensino da apicultura nas escolas primárias - Pioneirismo

O Governo brasileiro deve decretar o ensino da apicultura nas escolas primárias e secundárias como matéria obrigatória, visto o grande valor da apicultura. que é estimado em 60% na alimentação da humanidade.

Seremos os pioneiros

"A Colméia"

Excursão à Europa em procura da abelha Nigra Apis Mellifica Mellifica Cap. 5.

durante tôda a viagem, que jamais esqueceria a bondade e companheirismo demonstrado à uma pessoa estranha. Disse-lhes que gostaria que adivinhassem, tomando em consideração a minha pronúncia, de onde eu viera, ou de que Estado eu pertencia.

Foi novamente, que a referida senhora falou, dizendo que eu era alemão, isto era certo, porém, de que província da Alemanha, não era possivel determinar, porque minha fala era igual às suas. Continuei o suspense, dizendo que não era possível que não tivesse notado e apresentei-lhes a minha identidade. Tirei os cartões de visita do bôlso e alcancei um para cada um, a mesma senhora exclamou: «E isto o senhor nos diz sòmente agora?!» Eu respondi-lhe: «E, hoje faz 13 dias que desembarquei em Frankfurt am Main e faz justamente 141 anos, que meus ancestrais desembarcaram em Pôrto Alegre, no Estado do extremo sul do Brasil. Fico-lhes muito grato pelas valiosas informações que me deram nesta viagem, posso dizer que foi até hoje a melhor da minha vida. O que eu posso contar-lhe do Brasil, ainda há tempo, perguntem o que quizerem?»

Perguntaram como se chamava a capital do Brasil, qual o dinheiro circulante, que idioma se falava, então eu respondi-lhes que era o português com a pronúncia brasileira.

Pude satisfazer tôda curiosidade, respondendo, que o Brasil precisava ser descoberto pelos turistas estrangeiros, assim como eu descobrira a Alemanha. Conservei a língua de meus ancestrais, estudando e lendo quase diàriamente, não a neguei nunca, nem mesmo com o risco da vida, que diversas vêzes foi atentado.

Meus companheiros de viagem foram desembarcando, cheguei sòzinho, na cidade de Hamburgo a chamada «porta do mundo».

Fui ao Informations Büro, onde consegui um bom hotel, tomei um táxi e fui para lá.

Já era noite, fui procurar janta e caminhei um pouco pela rua. Parei diante de uma tabuleta, onde havia anúncio de cardápio. Para entrar desci uns degraus, havia um ambiente enfumaçado, onde tinha uma mesa limpa, sentei. Tinha homens e mulheres bebendo e discutindo, onde uma dizia que estêve no K. Z. (campo de concentração).

Vi que tinha penetrado por engano no sub-mundo. Veio a garçonete à qual pedi uma janta e meio litro de cerveja. Após, voltei ao hotel, e dormi muito bem, foi a minha primeira noite em Hamburgo.

Dia 12/8/66

Levantei cedo, tomei o café da manhã, tomei um táxi e fui visitar a família Jarros, que mora em um moderno arrabalde residencial. Lá chegando, fui bem acolhido, sabiam da minha chegada.

Imediatamente, o Pedro, noivo de minha prima, que trabalha em uma clínica, num moderno hospital de Hamburgo, convidou-me para ir ao hospital visitar a Erna, e depois irmos ao hotel buscar minha bagagem. Queriam que eu ficasse com êles, enquanto estivesse em Hamburgo.

(A Srta. Erna Backer, filha de minha prima, chama-me de tio, desde pequenina, porque sua mãe sempre dizia: o Bruno foi e é muito mais do que um irmão para mim).

O Sr. Pedro Jarros possuia um volks novinho. Chegamos ao hospital e a Erna foi conosco ao hotel, onde paguei a conta e saímos com as malas. Conversamos sôbre o passado, a senhora Maria Jarros queixou-se amargamente dos anos de guerra, contando coisas horripilantes, que não tenho coragem de transmitir aqui.

Enfim, eu me sentia como em casa, isto é, muito mais do que em casa, porque não permitiam que eu fizesse qualquer gasto.

Hamburgo é uma cidade grande, chamada «a porta do mundo». O Pedro e a Erna levaram-me a passear, para conhecer a cidade, o Pôrto, o pôrto livre, onde visitamos um transatlântico argentino, de cuja tripulação éramos velhos conhecidos, principalmente de Erna, que trabalhara como enfermeira, num hospital de Buenos Aires.

Para ir ao pôrto livre passamos por um túnel, o pôrto de Hamburgo. São duas vias do túnel, 30 metros abaixo da água, onde passam por cima os maiores transatlânticos. Por um grande portão de ferro, entram dois caminhões ou quatro automóveis; tendo os ciclistas e pedestres descem de elevador; após fechada a porta de ferro, encima, abre-se a porta de baixo, saem os transeuntes. As duas vias do túnel são servidas pelo mesmo elevador.

O túnel tem sòmente 400 metros de comprimento. O automóvel que sobe do outro lado do rio Elba, paga 1,00 D.M. de pedágio, o ciclista e o pedestre não pagam, pelo menos não os vi pagar.

Neste lado do rio Elba existem as docas, que são enormes escavações terra a dentro, abertas ou fechadas, com comportas, são as chamadas docas sêcas, não é nada mais do que comportas fechadas. Potentes bombas extraem a água, então vira doca sêca, conserta-se o navio, raspa-se e pinta-se, após tudo pronto abre-se a comporta, não demora, flutua «a cidade flutuante», o navio de 10.000 e até mais de 60.000 toneladas.

O pôrto de Hamburgo é um labirinto de docas, estaleiros e armazéns. Devido à camaradagem de Pedro, nascido em Hamburgo e de seu automóvel, tudo isto facilitou, para que eu tomasse conhecimento de muitas coisas mais do que aqui descritas.

Uma coisa que me chamou muita atenção foi que não havia policiamento, se chama pôrto livre e é livre mesmo.

Voltamos por outra «estrada», muito acima do pôrto, por uma enorme ponte antiga, tôda de ferro. Passei êstes dias em Hamburgo, no melhor «dulce far niente», visitando museus, magazines de 5 andares, do tipo dos que há em Nova Iorque.

Era verão, sábado era quente e combinamos para domingo bem cedo irmos à Berlim, distante de Hamburgo 500 km. Porém, sábado à noite desabou um temporal com ventos do norte e chuvas torrenciais, amanheceu frio com chuvas e desistimos do nosso passeio.

Dia 16/8/66

De manhã cêdo fui à Bremen e voltei à tarde. O que fui fazer lá não vou descrever aqui, seus pormenores dão-me muito desgôsto. Em uma viagem na terra de tantas maravilhas, tive que procurar um caloteiro, que me havia logrado há mais de 15 anos, com 4.000 marcos. Achei-o e reavi 1.500 marcos, o crime de estelionato tinha prescrito, tive que ficar satisfeito com 1.500 marcos.

Dia 17/8/66

Despedi-me dos meus hospedeiros com pesar e fui à Lüneburg onde procurei um velho conhecido, sr. Hohenschopp, porém não o encontrei em casa, êle havia ido visitar suas abelhas no Ursais de Lüneburg.

Fui à Lüneburg, que é uma bela cidade, à procura de uma colméia de palha, legítima, nova, não a encontrei. Disseram-me que o trigo é todo cortado e a palha triturada com as ceifadeiras, por isso é difícil de encontrar um «Lüneburger Stulper», só encomendando para o próximo ano. O custo desta colméia é de 50,00 marcos.

Visitei outros apicultores, um comerciante de apetrechos de apicultura, onde também encontrei um mestre apícola e inspetor regional.

Em Stuttgart eu tinha sido informado dos seus endereços.

No mesmo dia, às 15 horas, tomei o trem e fui à Celle, 90 km de Lüneburg. Lá chegando, fui ao hotel

Hanover ,que fica além do rio Aller (chama-no de rio Alla).

Instalei-me neste hotel, bastante luxoso (18,00 marcos a diária, com café da manhã pago extra).

Era cêdo da tarde, sol alto, encaminhei-me para ver o centro da cidade, pela rua, onde já passara de táxi, vindo da estação. Qaundo cheguei na primeira esquina, parei, vi uma rua à direita com pequena subida, tudo lindo. Pensei em ver o que havia neste arrabalde. Obedecendo a um instinto, alguma coisa me atraía.

Caminhei uns 150 metros, a rua era asfaltada e após a esquina, era sem calçamento (uma estrada), de ambos os lados havia capoeiras. Do lado esquerdo da rua asfaltada, tinha lindas casas residenciais, com amplos jardins, logo à direita tinha um cercado no lado da rua, com uma lavoura de pepinos tão viçosos, com fôlhas tão grandes, como eu nunca tinha visto.

Detive-me encostado na cêrca, olhando esta lavoura, os pepinos estavam plantados encima de uma ramagem estranha. Para mim, como observador de tudo, foi uma curiosidade, estava absorvido com pensamentos, quando vi à minha direita, um homem olhando para mim.

Dirigi-me a êle, cumprimentando-o com um sorriso habitual (guten tag) e perguntei-lhes se a lavoura de pepinos era sua, e êle disse-me que sim. «Passei aqui, como sou observador, não pude passar sem saber como o senhor plantou isto assim». O homem disse-me que eram flôres do cemitério, que o zelador colhia, quando sêcas, êle ia buscá-las de carrinho de mão, o que adubava a lavoura, sem gastar nada.

Era jardineiro aposentado e morava naquela casa. Perguntou-me se eu era turista: Então disse-lhe: «Não sou turista, nem americano rico. Estou aqui em Celle, à procura da abelha Nigra e da abelha dos Ursais de Lüneburg. Sou professor de apicultura no Rio Grande do Sul, o estado mais meridional do Brasil, sou brasileiro nato». Perguntou-me onde aprendi a falar tão bem o alemão e o que achei da Alemanha. Respondi-lhe que superou tôda a minha expectativa, que fui recebido em tôda parte da Alemanha com um carinho, com um amor fraternal, assim como êle mesmo me dera a prova disto, respondendo às minhas perguntas com tôda solicitude.

Eu tinha sido avisado, no Brasil, por alemães, que o povo alemão era egoista, arrogante e frio, mas eu constatei completamente o contrário. Naqueles poucos dias, já havia me comovido muitas vêzes com o carinho que todos me tratavam e lhe agradecia a bondade que êle também me demonstrava. Disse-lhe:

«Estou hospedado aqui perto, no Hotel Hanover, faz menos de uma hora que cheguei e saí para conhecer o centro da cidade. Quando vi esta rua, resolvi subir para cá e agora posso voltar satisfeito». Convidou-me para ir junto à sua casa, para trocar de roupa e mostrar-me a cidade.

Fui, pedi um copo com água, o homem trouxe uma garrafa de cerveja e um Bonekamp, tomei, apresentou-me a sua espôsa e conversamos um pouco. Após, saimos, passamos por uma ponte antiga do rio, chegamos ao Jardim Francês e perguntei-lhe porque tinha aquêle nome. Respondeu-me que foi Napoleão que tinha seu quartel general alí e mandou fazer o jardim em 1808 e o povo chamou desde então de Jardim Francês.

Ao lado do jardim francês fica o Instituto de Apicultura, que eu devia visitar no outro dia (o Niedersächischer Bienenforschungsinstitut) 31 — Celle — Hanover, Wehlstrasse 4 a.

Sempre conversando, atravessamos novamente o Jardim Francês, continuamos caminhando, visitamos o Castelo dos Duques, onde há um museu. Visitamos o centro da cidade histórica antiga com construções do ano de 1.400, 1.500 e 1.600, com casas sob contrôle histórico nacional, com monumentos históricos, ruas inteiras, estreitas, hoje asfaltadas, com calçadas, algumas de 50 cm de largura, nunca ultrapassam um metro de largura. É uma cidade turística, como provam muitos cartões com vistas da cidade, em meus álbuns.

É tudo limpo, ninguém larga papel ou tôco de cigarro na rua, se um turista estrangeiro o faz, sempre há alguém que o junte e o põe nos coletores de limpeza pública.

Assim acompanhado, passei 5 horas com o Sr. Richard Dierking, para ver tudo nesta pequena cidade. Na volta, perguntei-lhe como eu podia retribuir-lhe tanta atenção e êle respondeu-me que lhe mandasse, de vez em quando um cartão com vistas do Brasil.

Antes da despedido disse-me: «O senhor está hospedado num hotel muito caro, eu tenho dois quartos desocupados em minha casa e o Sr. pode ficar comigo durante sua estadia em Celle». Agradeci a amabilidade, dizendo-lhe que já estava no hotel e me constrangia em retirar a bagagem: «Fico pouco tempo aqui, ainda tenho muito à visitar em minha frente e mais uma vez muito obrigado». (mandei-lhe os cartões solicitados).

Fui ao hotel, após o jantar em um restaurante, que sempre me custou em tôda parte 6,50 marcos com meia medida de cerveja. Tomei os apontamentos dos dias anteriores e dormi.

Dia 18/8/66

Cêdo fui ao Instituto de Apicultura, pelo caminho que o Sr. Dierking me ensinou, porém, logo me esqueci de dobrar uma esquina, estava perdido e tive que perguntar a um transeunte, onde ficava o Jardim Francês. Por uma volta cheguei lá.

Entrei pela porta principal, na portaria entreguei meu cartão ao funcionário, que me disse que já estava me esperando.

Logo fui apresentado ao Dr. Walter Kaeser, Chefe do Instituto, que me conduziu ao escritório. Palestramos sôbre muitas coisas, o Dr. Kaeser, com o lápis na mão, foi anotando as principais coisas. Eu disse ao Dr. Kaeser, que eu fôra do Brasil, exclusivamente impulsionado pela apicultura, principalmente para conhecer a abelha Nigra e a Heidebiene. Respondeu-me o Dr. Kaeser: «Creio que o senhor não vai mais encontrar a abelha Nigra na Alemanha, sòmente a Heidebiena».

Eu lhe disse que em Sttugart me informaram que em Erlangen havia a abelha Nigra e em Erlangen o Dr. Böttcher me informou que não havia mais, sòmente em Celle, agora, nem em Celle tinha mais.

Foi a abelha italiana que exterminou a Nigra, êles estavam, naquela oportunidade, criando a Cárnica, substituindo à medida do possível a bastardia italiana.

Após uma hora de palestra, fomos ao jardim das abelhas do Instituto. Lá estavam fazendo experiências, com inseticidas inofensivos às abelhas, pulverizando-as em canteiros de flôres melíferas, fechadas com tela, para a não entrada de outras abelhas, fora da colméia.

Estávamos sentados ao sol, num banco de jardim, eu e Dr. Kaeser, quando estacionou um automóvel, dele desembarcando um casal de holandeses, que chegaram naquela manhã da Holanda, para visitar o Instituto e visitar a apicultura nos Ursais de Lüneburg.

Primeiramente entramos no Museu do Instituto, onde havia tudo de apicultura antiga e moderna. Tinha gaiola de enxêrto de rainhas, de taquara dos séculos passados, uma prensa de madeira para mel, de mil anos, um machadinho de ferro, de antes de Cristo, o famoso Lüneburger Imkerbeil, que o Prof. Dr. Armbruster se refere em sua obra, do Arquivo de Ciência Apícola.

Não há interêsse em descrever tudo que vimos neste museu.

O fato é o seguinte: O casal de holandeses queriam ver os Ursais de Lüneburg e eu também. O Dr. Kaeser apresentou-nos, dizendo que o Prof. Schirmer do Brasil tinha o mesmo propósito de visitar os Ursais e com muito prazer os holandeses me ofereceram carona.

Era 10,30 horas da manhã, o Dr. Kaeser deu o onderêço e o nome dos apicultores, que deviamos visitar, era mais de 100 km. Eu voltaria no dia seguinte ao Instituto.

Embarquei no carro dos holandeses e rumamos à Lüneburger Heide.

Lá chegando, almoçamos num hotel em uma pequena cidade, paguei todo almoço (22,00 marcos) e procuramos a casa do mestre e fiscal apícola Koch. Após chegar, perguntei: «Aqui ainda existe a Heidebiene?», êle me respondeu que sim.

Fomos aos apiários, vimos os ursais, que estavam florescidos, por uma plantinha de 30 cm de altura, muito melífera. Os apicultores de 200 km transportam suas abelhas, após o inspetor lhes marcar um lugar prèviamente escolhido, para um certo número de colméias.

Após o término da florada, os apicultores levam de volta para seus apiários as colméias, como as trouxeram e em casa, então fazem a colheita do mel dos ursais, que é tão espêsso, que nenhuma centrífuga consegue expelí-lo dos favos. Quase todo este mel é vendido em favos ou prensados, com alta pressão, que é mais rendosa porque colheu tôda cêra.

Primeiro chegamos ao apiário central do mestre Koch, cujas colméias de palhas tinham sido transportadas aos Ursais. O mestre Koch nos disse que êle recebe mais dinheiro com a apicultura em colméias de palha, do que os que usam o magazin, colméia moderna.

Explicou-nos como êle faz a colheita. Êle sempre possui 200 colméias de palha em Lüneburger. Destas 200 colméias êle escolhe 50 colméias das quais não retira o mel, deixa-as passar o inverno com tôda a provisão.

As 150 colméias que sobram êle procede assim: Toma uma colméia, senta num banquinho, põe em sua frente uma colméia vazia de bôca para cima, toma a colméia cheia de mel e abelhas e dá uns 30 socos, levantando e batendo com fôrça. Após 30 a 32 batidas, tôdas abelhas, com rainha e tudo estão amontoadas no fundo da colméia vazia. Põe-nas, despejando-as através de um funil de madeira, numa caixa de transporte, prèviamente preparada para êste fim.

Põe a cesta, com os favos sem abelhas do lado, de modo que não entrem outras abelhas rapinantes. Fecha a caixa de transporte com a portinha corrediça.

Assim êle faz com tôdas, trabalha o dia inteiro, ou até aprontar todo serviço, como foi acima descrito. Carrega tôdas as caixas de transporte para sua condução, leva-se até à 1º estação ferroviária e despacha com frete à pagar, para a firma, sucessora de Mack, em Illertissem, no sul da Baviera.

Estas abelhas viajam com 1º trem, são recebidas, pesadas e creditadas na conta corrente do expedidor, à razão de 10,00 marcos, por quilo de abelhas. Neste laboratório de Illertissem, são aproveitadas algumas rainha e também algumas abelhas.

A maioria das abelhas, quando se trata de bastardas italianas, são postas em aparelhos especiais, onde nenhum estranho põe os olhos, porque é segredo da firma. Fazem a extração à granel do veneno das abelhas para a fabricação de pomadas e injeções, antireumáticas, que vendem para todo mundo.

(Continua no próximo número)

CURSO DE APICULTURA

Continuação da página 74

migrações. A abelha Siríaca, conta com dezenas de sub-tribos. A Apis Unicolor e a Apis Capensis misturadas com a Apis Ligustica e a Apis Adansoni, também formam uma série de sub-tribos.

A Apis Dorsata, a Apis Florea e a Apis Indica se mantiveram puras, não se cruzaram com qualquer espécie de abelhas européias e africana. A Apis Indica rejeita um favo de cria de qualquer raça de abelhas, não se cruza em vôo nupcial.

As abelhas que foram trazidas pelos colonizadores espanhóis e portugueses, logo após o descobrimento do Brasil, entre 1550 e 1580, são chamadas hoje de abelhas Cárnica Brasiliana. Naturalmente, mais tarde, foram trazidas de Portugal por diversas vezes mais abelhas, primas irmãs da Cárnica Brasiliana, que é verdadeiramente a melhor raça de abelhas do mundo.

Com a interferência dos homens, posteriormente, foram trazidas as abelhas ligústicas e suas híbridas e no fim, para rematar, foram trazidas para o Brasil grande quantidade de abelhas «africanizadas».

Dessa maneira, fizemos a introdução muito resumida da História da Apicultura, como os meus alunos puderam ver.

-RECLAMAÇÕES-

Temos em «A Colméia» um serviço de expedição bastante perfeito. Por exemplo: os assinantes que pagaram sua assinatura, logo que a última página sai da máquina, começamos a dobrar os exemplares. Estando os primeiros 500 exemplares dobrados, começamos a escrever, nominalmente os endereços e selar. Em cada nome no caderno, fazemos um traço, que representa o número expedido.

Porém pode ocorrer um lapso, que haja um erro no número da casa ou outro extravio do jornal.

«A Colméia» faz a seguir proposta: o assinante que até o dia 10 de cada mês não receber o respectivo número, nos escreva, que receberá imediatamente o número faltante e na volta do Correio, receberá um envelope selado, em retribuição às despesas feitas.

O estrangeiro ou nos outros Estados, onde a correspondência de superfície demora mais, que tenham mais paciência, porém, quem não recebeu seu número de «A Colméia», por favor, deve reclamar, que preferimos enviar dois exemplares, do que deixar **faltar um.**

Tem acontecido que, vem diversos jornais de volta, com o carimbo; ao Remetente, ou não procurado, os assinantes que pagaram suas assinaturas, e, que não recebem regularmente cada número, precisam reclamar, retificar seus enderêços.

A COLMÉIA está sendo distribuida, sempre no mesmo dia, quando as primeiras últimas fôlhas começam sair da máquina.

Ninquém pode, nem deve ficar na falta de um número.

Tome todas as noites ao deitar, de manhã ao levantar, uma colher de mel puro. - O mel é uma dádiva Divina.

ESCREVE AO LEITOR

Ao Deputado Romeu Scheibe. Recebi sua carta e o relatório da subcomissão sobre a apicultura. Muito bem! Meu muito obrigado.

Deputado Nelson Marchesan, recebi sua carta, muito obrigado.

Deputado Aristides Bertuol, recebi sua carta. O senhor, juntamente com os demais deputados do Rio G. do Sul, são assinantes honorários de "A Colméia". Disponha e meus agradecimentos.

Ao Deputado Aluisio Paraguassu. Recebi o Diário da Assembléia de 1. de outubro, meu muito obrigado. Li-o todo e constatei nesta leitura, uma harmonia entre os representantes do povo, o que é realmente emocionante. Continuem assim, isto nos orgulha. Parabéns!

Sr. Elysio Erthal, de Niterói, recebi sua carta, tudo certo.

Sr. Armênio Alvim Barroso, recebi sua carta, retribuo as felicidades de um Bom Natal e um Feliz Ano Novo juntamente com nosso filho mais novo", o jornal "A Colméia", agradecemos comovidos. Vou aproveitar, agradecendo a sua contribuição para esclarecimento da verdade sobre os elogios pestilentos da abelha africana.

Sr. Anacibio Agostinho Bras, Minas Gerais, agradecido pela sua carta. Porque não falou comigo em Florianópolis? Tive de retirar-me de lá 24 horas antes do previsto, devido a um vergonhoso complô organizado por traidores, contra o presidente da C. B. A. Seu pedido será explicado em um próximo número, aguarde e propague "A Colméia".

Sr. Elpidio Schefel, de Canoas. O Senhor tem razão, jamais permitirei outra vez a palavra abelhudo, o certo é abelheiro, muito obrigado.

Sr. Justino Rodrigues da Silva, de Murtal, Portugal, já seguiram os cinco primeiros números de "A Colméia" sobre pagamento aguarde instruções, leia a resposta ao Sr. Eusébio Liborio de Faria.

Sr. Carlos Manoel Craveiro Sena de Covilhã, Portugal. Recebi e respondi sua carta, seguiram os cinco exemplares de "A Colméia".

Sr. Dr. Clovis Batista Nascimento. Recebi suas cartas, seguiram as assinaturas de "A Colméia". o sr. é assinante honorário.

Sr. Pedro Lindolfo Weis, de Itapiranga SC. Seguiu sua assinatura e mais dez exemplares de cada número para distribuição.

Srta. Cecilia e sra. Rosa Klug, de Buenos Aires Argentina, agradeço as felicitações pelo meu aniversário.

A Associação Riograndense de Imprensa, agradeço as felicitações pela passagem do meu aniversário, Irmão Alfredo Engel, Rio Negrinho, SC. seguiu a assinatura e recebi o pagamento.

Sr. Paulo Kozlowski, de Santa Cruz, GB. As suas consultas, muitas já estão respondidas nas páginas de "A Colméia", já seguiu ate o n. 5 o n. 6 está em composição. A abelha africana do Kerr é pior que o bicho papão. O 1. número já traz uma instrução, estude-a.

Sr. Damaceno P. Alves, de Rio Pardo, RS. grato pela carta, farei pelá ápicultura o que puder, não descansarei um instante, enquanto houver as malditas abelhas africanas, Propague o jornal "A Colmeia". Meu muito obrigado.

Sr. Ermelindo Lotterman de Viamão, Já seguiram todos os números de "A Colmeia,

Sra. Dona Celecina P. Correa de Niterói. Seguiu a assinatura de "A Colmeia, ao Sr. Severino Pereira da Silva. Rio.

Sr. A. Walter Rotta, de Antonio Prado, seguiram todo os números de "A Colmeia".

Sr. Fernando Bassualdo, de Guaporé, já seguiram os cinco primeiros números de "A Colmeia" para os assinantes de Guaporé,

Alô Sr. Eusébio Libório de Faria, de São Vicente, Madêira. Já mandei sua assinatura até o n. 5, Por enquanto não se preocupe com o pagamento, pretendo acertar um intercâmbio com o nosso amigo Eurico Siqueira Gomes, de São Mamede de Infesta, Pôrtugal.

Alô Sr. Francisco C. da Fonseca, recebi suas cartas e o material que será âproveitado oportunamente.

Alô desconhecido da Estação D. Pedro II, recebi as fotocopias de 4 cartas, muito obrigado, serão aproveitadas como formidáveis provas, da ignorância de um escriba atrevido.

Sr. Obed Dias de Oliveira, recebi sua carta, responderei recém estou me restabelecendo de uma terrivel gripe, Trabalho 40 minutos.. deito 20 para descansar:

Sr. Arturo Keck, Monte Carlo, Argentina. Recebi sua carta, Obrigado.

Padre Ernesto Rûpel de São Paulo, recebi vosso cartão de felicitação muito obrigado, retribuo em dobro.

Pôrto Alegre, 8-12-1971

Ilmo. Sr. Prof. Bruno Schirmer
DD. Diretor e Edit. de "A Colméia"
Saudações

Domingo dia 28 de novembro do corrente ano, transcorreu o nono aniversário da AGA. Teve lugar as festividades na Estância Provincia de São Pedro no municipio de Gravatai. Participaram das festividades altas autoridades do Estado, entre as quais o Ilmo. Prof. Irio Simm, Secretário da Agricultura e exma. esposa; o Deput. Romeu Scheibe o Dr. Pinheiro Machado; o Dr. Francisco Borsato e inúmeros apicultores e seus familiares,

Como orador oficial da comemoração falou o Dr. Francisco Borsato, que homenageou o Sr. Antonio Trainini, dinâmico presidente da AGA e da CBA. fazendo inclusive um curriculum vitae do conhecido apicultor gaucho e situando-o na atual conjuntura apícola brasileira. Usou da palavra o Dep. Romeu Scheibe que relatou o trâbalho da Comissão Parlamentar a respeito de nossa apicultura. Muitos outros oradores se fizeram ouvir. entre esses, um que muito enalteceu o jornal "A Colmeia", como sendo um dos maiores veículos de divulgação apícola no Brasil.

Aproveito a ocasião para enviar-lhe os meus melhores votos de um Feliz Natal e Venturoso Ano Novo, com muita saude e felicidades, junto aqueles que lhe são caros. Despeço-me cordialmente.

Adão Nascimento Athaides
Membro da Comissão de Relações Públicas da A.G.A

Nota da redação: - Meu lugar neste aniversário estava reservado, porém, uma terrivel gripe prendeu-me ao leito, o que impossibilitou o meu comparecimento. Parabens ACA e CBA. Continue mandando mensalmente suas noticias. Obrigado, Aproveito para agradecer e retribuir os votos de um Feliz Natal e Venturoso Ano Novo

Bruno Schirmer

CASA DO MEL
GELÉIA REAL E MEL PURO
IMPLEMENTOS PARA A APICULTURA
ORIENTAÇÃO E INFORMAÇÕES:
APICOLAS - Rua Garibaldi, 1086 - P. A.

ABELHAS AFRICANAS

por Armenio Alvim Barroso

4.ª continuação

Se não podemos atacar o incêndio, de frente, vamos pelos flancos. Ler o auto de fé e queimar Kerr. de nada adianta, Há que agir. Grande, intimamente, há de ser o pesadelo na sua consciência, obrigado a receber a malquerença dos apicultores de seu país, e assistindo êste inacreditável e melancólico adeus do mel.

Bem poucos apicultores brasileiros, sabem criar rainhas, artificialmente, por ser uma atividade de certo modo embrionária, ante a dimensão do país. Numeroros deles, que usavam cortiços já hoje não existem. A abelha africana matou seu ganha-pão, e êles tiveram que ir para outras atividades. Essa exploração caseira da apicultura brasileira, era muito mais difundida pelo Brasil, do que se pensa, e punha bastante mel à venda. Verifica-se, andando por aqui e por ali, lugares onde antes sempre existiu muita abelha e mel, que tudo hoje é um rescaldo apenas. Vê-se o material apodrecendo nas bancadas que ainda há pouco tempo, fervilhavam de abelhas, com risonhas promessas. A abelha de Kerr, matou a pequena apicultura e ocupa se agora de engolir, um a um, os grandes e médios apicultores.

Outro defeito, enorme, desta abelha africana, é o seu nomadismo. Até nas cidades se encontram, agora, enxames de abelhas africanas, coisa que nunca antes aconteceu. Qualquer buraco pelo chão do campo, oco de pau, fenda das lapas, nas penhas, casas de capim, postes de iluminação nas zonas rurais, para não mencionar as matas, onde existe aos montes, está tudo cheio de abelhas africanas. Há milhões de enxames por êste país, produziudo apenas para si, roubando um mel que era, antes; quase todo das abelhas cultivadas, ou que se perdia; mas em pequena quantidade, pois embora desde sempre houvesse abelhas nas florestas, a quantidade não chegava a fazer concorrência de comprometer as colheitas, como agora sucede crucialmente, com o povoamento da abelha africana. Disse Kerr, reportando-se a sua viagem a África, que "quando passamos no Tanganica, estivemos numa estação apícola que havia perdido, por enxameação. duas centenas de colméias". a tendência à enxameação, nesta abelha, não se reprime sobrepondo corpos as colméias, como preconiza Kerr. Quem praticamente está dentro deste problema, e lidou com abelha africána, sabe disto. Eles não partem apenas para perpetuar o instinto natural de reprodução da espécie, o que é natural e aceitável. O que as faz andar é o surgimento de condições adversas na colméia. especialmente a falta de provisões Se não houver uma vigilâneia semanal nos apiários, durante as floradas, lá se foi o mel com os enxames. Esta resistência, é muito onerosa nos apiários secundários distantes pois hoje não se colhe mel no fundo do quintal, ou em qualquer lugar, como acontecia ha bem pouco tempo. Tal nomadismo desta raça fará (se já não fez, e acreditamos que sim) com que ela domine em todo Brasil.

Junto de povoações, não é possível manter esta abelha, pelo perigo que ela representa.Quem depende da apicultura, porque dela faz sua profissão, e nela inverteu o que tinha e não tinha, montou sua organização e sofrendo os encargos decorrentes, terá de as levar, quer sejam africanas ou seus cruzamentos, para bem longe, onde não causem dano, senão ao apicultor, e lá, o mel se torna muito caro, pela assistência assídua e Por ser imprescindivel possuir condução própria.

Kerr, aconselha o cruzamento com a italiana, para domesticá-la, e indica as clareiras, em matas isoladas, para a fecundação. Prova isto, que êle não está senhor do assunto. Há zangões africanos por toda a parte. Nos apiários de fecundação, com a eclosão das realeiras e o nascimento das rainhas, os nùcleos são invadidos por machos africanos, de um dia para o outro, aos montes. Só numa ilha bem afastada do continente, mas, quanto se não gastaria para expurgá-la convenientemente, e quem pode fazer isto?! Teorias. Poderá conseguir-se, com acurado policiamento na perimetria do apiário de fecundação, diminuir a interferência, pela eliminação dos enxames africanos, mas, os bons resultados, na fecundaçâo estão hoje acondicionados ao fator sorte, já que, infelizmente, no Brasil uão se pratica, com êxito, a inseminação artificial em apicultura, de que os americanos lançam hoje mão com resultados mais do que brilhante.

Não é somenos importância, revelar aqui, enquanto é hoje dificil encontrar apicultores com estoicismo para suportar as ferroadas da abelha africana, nas manipulações, que, constantemente, agora mais do que antes, há que fazer nas colméias. e na capina dos apiários. A despeito do amor que muitos apicultores tem pela abelha, é inevitável vez por outra, matar alguma. Com qualquer raça, menos a africana, isto não representa impecilio de maior, se não o sentimento de pena que fica no apicultor. Ora, é sabido que o cheiro de abelha morta, comunica-se às suas irmãs, e logo as dispõem ao ataque, para defesa da família. Muito diferente, entretanto, é o que sucede quando matamos uma abelha africana, nas manipulações das colméias. O cheiro de seu veneno. incomparavelmente mais ativo que o das outras, quando estoura a glandula que o contém, sobe célere ao olfato do apicultor, que nunca dantes conhecera odor tão pronunciado. Ouando a africana pressente este cheiro, sui géneris ataca incontinente: em bandos, não apenas da família atingida, mas, também, as que lhe estão próximas, e vem uma declaração de guerra ao apicultor, sem temer o cano incandesente do fumigador, como urutuzinhos voadores. A rebelião alastrava-se, o céu do apiário cobre-se de abelhas que vão a largos arrabaldes, atacar tudo que faça movimento, especialmente o apicultor, contra quem arremetem em número desacostumado, durante largo tempo.

A gente fica, em tais ocasiões, desesperado, e, ainda que por vocação ame estes bichos, perde a päciéncia e se divorcia da amizade que lhes vota, pensando num lança-chamas, ali à mão.

Muita gente se espanta, quando nos visita, e pergunta se realmente pode a abelha africana matar gente, como diz o jornal, e nós lhes respondemos que sim porque os ataques da africana, são maciços, em forma de multidão como aquele que fomos vítma num apiário de africana. que tinhamos às margens do Pirai, cujas águas nos protegeram.

Certa vez, numa visita a êste apiário, deparamos com um ataque de formiga a uma potente família de africana. No chão, da frente desta colméia, havia muita formiga e abelha morta, e a quantidade de ambas, em luta, era grande. A formiga atacava a abelha por todos os lados da colméi, com rapidez. A abelha concentrava-se no alvado, onde formava uma grossa barreira: crepitante de furia. Estranhamos o grande número de formiga morta, pois, geralmente sucede o contrário, mas isto era índice, parecia-nos de que a abelha talvez vencesse,

o que raríssimas vezes acontece. A colheita do mel. já havia passado, e nós estavamos indispostos com a abelha africana, o que nos fez parar, não tomar sua defesa, para ver o que acontecia. Terminados uns quinze minutos havia crescido muito o volume de formiga morta, a entrada da colméia estava quasi limpa de formigas e as abelhas se ocupavam numa severa vigilância ao redor dê sua casa, onde nos mantivemos com custo, protegidos, Geralmente, ainda quando a colméia é forte se a formiga ataca, não há salvação, senão pela presença ocasional do apicultor. E a abelha venceu: porque? Deduzimos que a formiga não suportando aquele cheiro tão activo do veneno das ferroadas das abelhas, teve que fugir. Por isto, é um estorvo sério, a morte de abelha africana, quando lidamos com ela. Há pouco tempo, ouvimos de um apicultor, muito observador, esta coisa inacreditável; que êle se postara junto a um canteiro de girassol em flor, observando suas abelhas a trabalhar. Disse-nos que nas flores onde a abelha africana se pousava, as abelhas de outras raças, esvoaçavam. Se, averiguando isso, for verdade, é o fim do mundo.

Talvez, relacionando com isto que acima acabamos de contar, que, provalvemente, poderá explicar-se pela dotação de um sistema ou tipo de glândulas peculiares a esta raça africana. registraremos um fato, cuja ocorrência nos parece de suma importância, como subsídio a futuras Investigações: a coloração e aroma, diferentes, do mel produzido pelas abelhas africanas, em confronto com mel da mesma origem botânica, no apiário, produzido por outras raças de abelhas. Tanto o aroma, quanto a côr do mel produzido pela abelha africana. são sensivelmente mais acentuados, que os méis de outras raças de abelhas, originárias da mesma floração. Particularmente o aroma e o sabor, são muito peculiares, nos méis produzidos pela abelha africana. Nossos colegas, diversos, também notaram isto' com pesar. Se o seu veneno é muito mais ativo que o das outras abelhas, outras diferenças, por essa mesma razão, poderão ocorrer na sua estrutura celular, e esta, quem sabe. talvez possa, na transformação do néctar em mel, concorrer para a confecção de um mel de características peculiares, à semelhança do que ocorre com méis de Meliponas e Trigonas, muito diferentes do mel mel da apis melifica. O certo, é que o mel das abelhas africanas, é bem mais escuro e de um aroma, ambos depreciativos.

Acreditamos, infelizmente, que, no Brasil, não dão crédito. e nem importância, a opinião de que êste país poderia ser um dos grandes produtores mundiais de mel e cêra, dada a variedade de seu clima bom para a prática da apicultura, e por ser um continente de grandes reservas florestais. Não temos, também a ilusão de crer que os brasileiros saibam que, todos os anos, os produtos da abelha, inexplorados como são atingem a milhões de cruzeiros jogados fora. Não há mentalldade, geralmente para dar importância a abelha. O que sabemos e é voz corrente, é que esta coisa de abelha é um bico, não da futuro a ninguém, quanto mais despertar a atenção dos poderes oficiais. O que da dinheiro é criar gado. plantar café. criar porcos e galinhas, e uma série de outras fontes de receita provadamente eficientes. É disto, só disto, que a imprensa, bem pouca, se ocupa nas escaças páginas rurais aos domingos.

Claro que as anteriores coisas, são importantes. mas, tiveram de ser começadas. Tanto a conceituação como o raciocínio do Estado, sôbre a apicultura, não são corretos, Grandes proveitos econômicos, poderia vir o Estado a colher da exploração e fomento da apicultura no país, tal como ocorre nos Estados Unidos e na Argentina, A utilidade indireta da prática da apicultura, trazida com os benefícios da polinização da agricultúra, seria imensamente de maior conta que as divisas apuradas na exportação do mel. por maior que fosse sua tonelagem. A fruticultura (quanta variedade de frutos existe no Brasil!), as leguminosas, as oleaginosas (grande riqueza do país), a cafeicultura (grande fonte de divisas, a forragem para alimentação dos rebanhos, a rizicultura, e milho o trigo, a batata, etc., poderiam, com uma polinização dirigida, estacionando colméias junto das grandes culturas, ou, pela geral distribuição geográfica da abelha no país. trazer um acréscimo de produção de imensa ressonância e valor para a economia do país. Com o auxílio da polinização da abelha sobre as forragens. haveria mais pasto e melhor, e com a prosperidade dos rebanhos, haveria mais carne mais leite, mais manteiga, e muito mais fartura de tudo que a terra pode produzir e de que o homem necessita para sua alimentação. Os benefícios da polinização da abelha são bem conhecidos e utilzados nos paises de agricultura avançada, sendo comum a locação de abelhas por pomicultores de expressão, em muitas nações. È de admirar, num país tão grande como o Brasil, a gente abrir os jornais, especialmente aos domingos, e não encontrar nas estreitas colunas agricolas uma só palavra sobre abelhas!!! Quantas tintas se gastam, noutras terras. escrevendo na imprensa, sobre abelhas. regularmente, despertando a juventude na imprensa. para o contato com esta salutar atividade, que pode ser uma ocupação, por vezes bem rendosas. No ano passado, distribuiram os Estados Unidos. de graça, uns vinte milhões de dólares de excedentes agricolas, para atenuar a fome de muitas nações. Pois éstes excedentes agricolas, provém, em maioria. dos benefícios da polinização das abelhas, na adiantada agricultura que êles praticam, que por isto, tomou uma projeção espetacular, não apenas porqe ê mecanizada, mas porque é complementada pela abençoada polinização das abelhas. Por isto. é um acontecimento sensacional a expansão da apicultura nos Estados Unidos e merece todo o apôio do Estado, que lhe dedica verbas enormes para seus estudos de melhoramento, proteção e fomento.

Queriamos concluir nossa análise sobre a triste história da abelha africana, e considerando que só o Ministério da Agricultura poderia dar-lhe solução satisfatória: haveremos de apreciar seu comportamento. Antes da gestão Barros de Carvalho, no Ministério, ou mais precisamente, quando chefiava a Seção Experimental de Apicultura, o Dr. Gelso Freitas de Sousa. os pavilhões daquele departamento, com suas instalações amplas, éticamente dotadas, tinham grande movimeuto. Uma boa equipe de funcionários, ali se ocupava de variadas funções técnicas, e a vida dêste setor. transcorria com bom rendimento, dado ser o chefe um funcionário severo e exigente no cumprimento de sua função, e porque, naquele tempo, havia realmente técnicos executando a ordenação das tarefas. Tudo de que os apicultores necessitavam para atendimento de sua atividade, ali se encontrava, de qualidade e por bom preço, desde nucleos de abelhas, italianas, rainhas de prole comprovada e

Continua no próximo número

NOVA APICULTURA

Após a consumação do maior crime contra nossa florescente apicultura, onde foram atingidos exclusivamente a classe humilde trabalhadora brasileira, não podemos permanecer por mais tempo de braços cruzados, comentando por fora.

É preciso organizar-nos para a luta, pelo reerguimento de uma nova apicultura.

Um pouco de mel, que foi colhido nesta primavera de 1971, foi produzido pelas remanescentes da abelha bastarda italiana e cárnica Brasiliana. Agora, neste fim de 1971, constatei que algumas ilhas. dentro do Rio Grande do Sul. ainda existentes da nossa "pobre" abelha, a cárnica Brasiliana, tambem já foram :"africanizadas '. Nem temos mais material nosso, para reiniciar a reconstrução.

Em uma reunião da Confederação Brasileira de Apicultura, junmente com a AGA, o Presidente Trainini assim se expressou: "Admiro a coragem do Sr. Bruno Schirmer, nesta hora trágica para nossa apicultura, em fundar e manter um jornal apicola' "A Colmeia". O que respondi: "Se jorrase mel do Oiapoc ao Chui, não seria preciso nenhuma luta, nenhum jornal. Porém, no estado em que se encontra nossa apicultura, por culpa dos escribas mentirosos, é preciso reagir e redobrar nossas forças, para vencer um inimigo cruel".

Após esta reunião, quanta compreensão e adesão já recebi, paralelamente a uma série de incompreensões.

Justamente por isso escrevi o editorial n.º 4, apresentando a minha descendência, prussiana e saxonica; primeiramente, o prussiano foi temperado pela luta da unificação e os saxões foram temperados pelo ferro e fogo e ambos sobreviveram.

Precisei dizer aos escribas e caluniadores que as esporas do Schirmer nunca tiniram.

Antes de continuar estas linhas, preciso mencionar tres pequenas histórias do passado, que "infelizmente" se repete hoje. Você leitor, conhece a história de Temístocles? Talvez não!

No ano 487 aC, movimentou-se um exército persa. Diziam que era um milhão de soldados, comandados pelo pròprio rei Xerxes. Sobre duas pontes de pontões, chamada Helespont, atravessou este exército durante 7 dias e 7 noites as pontes nos Dardanelos.

Em Termófilas. esperou Leonidas, o rei de Esparta, com um pequeno grupo, o inimigo; os persas atacavam em massa, porém a frente grega resistiu. Traidores conduziram o inimigo, através da caminhos secretos, o exército persa, sobre as montanhas, na retaguarda dos gregos.

Conforme a lei, Leonidas e sua gente morreram todos e como gafanhotos, os persas invadiram o pais; sob o comando de Temístocles, os atenienses evacuaram a cidade, A frota persa bloqueou a saida do porto da baia de Pireus,

Temístocles era o almirante e possuia uma flotilha de 310 pequenos navios, contra uma enorme frota de navios gigantescos, persas e fenicios. Temístocles destruiu a frota persa e o rei Xerxes comandou: "Salvem-se quem puder, salvem a Hellespont".

A debandada dos persas livrou a Grécia, pela capacidade de comando de um simples cidadão corajoso

2.º História - Hamilton, comandante de Cartago, desconfiado com a paz com os romanos, pai de Anibal, fê-lo jurar nunca ser um amigo de Roma. Um embaixador romano foi a Cartago e após longas conversasões tomou as pregas de sua toga e disse, "Aqui tenho eu a paz ou a guerra", ao que os cartaginenses responderam; "Que seja a guerra".

Anibal já tinha preparado seu plano estratégico, isto é, levar a guerra para Roma, com a certeza de levar à terra inimiga é a metade ganha, com grandes peripécias, chegou à planicie romana.

Nos primeiros combates, os romanos foram derrotados, já ecoava o grito de terror em Roma; "Anibal ante portas;" Roma estava mal, nesta hora dura apresentou-se um jovem oficial, chamado Publius Cornelius Scipius; com 25 anos de idade (foi em 216 aC), solicitando o comando das legiões romanas. Era lei que o comandante deveria ter mais de 40 anos de idade, porém, diante do perigo da derrota, Publius Cornelius Scipius foi eleito comandante. Usou uma tática inconcebivel da melhor estrategia militar, vencendo Anibal.

Scipius, após decapitar o irmão de Anibal, cuja cabeça, numa noite foi jogada ao acampamento de Anibal. Foi com suas legiões para a África, contra Cartago, isto foi no ano 202 aC. Anibal teve de voltar com urgência invicto para Cartago, em Zama sofreu sua primeira derrota e teve de aceitar uma paz humilhante'

3.ª História - Joaquim Maria Machado de Assis fez os estudos primários em uma escola de São Cristovão. Depois continuou seus estudos por conta própria, como autodidato. Aos 17 anos ingressou como aprendiz de tipógrafo,

Em 1867 foi ajudante do Diretor do Diário Oficial, em 1873 exerceu as funções de 1.º Oficial da Secretaria de Estado do Ministério da Agricultura, Viação e Obras Públicas. Depois foi nomeado diretor- geral da Viação, Em 1895, funda com outros intelectuais, a Academia Brasileira de Letras, para a qual ele foi eleito presidente, um ano após,

Poderiamos citar muitos outros exemplos que estão registrados na História.

Por exemplo: a do Marechal Blücher, quase analfabeto! a do General Bento Gonçalves também.

Eu, porque não cursei uma faculdade de Agronomia, serei um João-Ninguém? Para quantos agrônomos e outros, servi de professor, preciso dizer?

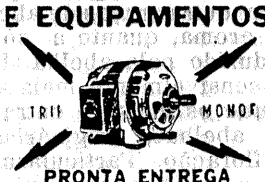
Tenho capacidade suficiente. para "reorganizar" uma moderna apicultura, mesmo nos escombros que se encontra, Nada poderei fazer sem o apôio governamental.

Se o Governo tem outra pessoa capacitada. ponha-a no comando da apicultura nacional.

Minha oferta é única. Como Publius Cornelius Scipius solicitou o comando, solicito o comando da apicultura brasileira, como autarquia, prestando relatório exclusiva e diretamente ao Ministério da Agricultura e á Presidência da República.

Bruno Schirmer

MOTORES ELÉTRICOS
E EQUIPAMENTOS



PRONTA ENTREGA
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
FRIEDRICH & REOLON LTDA
AV. ALBERTO BINS, 869
FONE: 24-5138 - P. A.

Apoie, assine e pague
A COLMÉIA »
12 Páginas de grande utilidade tudo que interessa o Reerguimento da Apicultura

Curso de Apicultura nas Escolas Primárias - Introdução

— Meus queridos alunos, meninos e meninas! Vamos apresentar-lhes uma coisa muito velha, mais velha que a própria humanidade, porém, para todos nós hoje em dia constitui uma novidade. É uma coisa doce, verdadeiramente milagrosa, é o mel e só as abelhas sabem fazer.

Muito antes de existir a escrita na terra, como provam desenhos em cavernas, onde habitavam os homens primitivos, estes já domesticavam e criavam abelhas, levavam-nas em toros ocos quando se mudavam para outras glebas, isto no tempo em que os homens cortavam toras com pedra lascada.

Da era egípcia, pela escrita antiga, os homens transmitiram até nossos dias ensinamentos de apicultura.

Os fósseis mais antigos de abelhas que foram encontrados, datam de 90 milhões de anos.

Na Alemanha, na localidade de Randecker, em Würtemberg, acharam no ano de 1928, 72 exemplares de fósseis de abelhas, denominados «Hauffapis Scheuthleis». Os geólogos constataram que se tratava de fósseis com a idade de 4 milhões de anos. É por isso, que o Avô Bruno disse que é tão velha que parece nova.

O mel era conhecido como único açúcar, única doçura que podia ser conservada sem fermentar, como a doçura das frutas.

Para tudo era usado, para desinfetar feridas era o único remédio. Era tomado com água, como sonífero, quando os felizes noivos não podiam dormir de emoção após o casamento: tomavam água com mel durante um mês, por isso hoje em todo o mundo nós chamamos este mês de «lua de mel».

Os incas desinfetavam seus instrumentos de operações e trepanações de crâneos, com mel, como mostra uma grande exposição do Museu de Washington. Também o mel era usado antigamente para qualquer doença dos olhos. Pelos germanos o mel era usado para fabricar vinho, ou hidromel, chamado met, para suas festas.

Na antiga Grécia e Macedônia, usava-se o mel para conservar carnes, peixes e frutas. No Egito usavam-se para embalsamar ou conservar cadáveres, sem deteriorar durante milênios. Alexandre, o Grande, depois que morreu de febre, foi mergulhado numa pipa cheia de mel e transportado de carroça meses, sem deteriorar, até voltar para a Macedônia.

O mel é tão velho, como disse no começo, mais velho que a própria humanidade, entretanto, para nós é tão novo, que parece uma novidade. Como é bom comer uma fatia de pão com bastante mel, não existe bebida melhor que um copo d'água com mel.

Um menino criado tomando água com mel, jamais se tornará viciado em bebidas alcoólicas.

Saibam, meus alunos, que as abelhas, a apicultura em geral contribui indiretamente com 60% na alimentação da humanidade.

— Como é, Professora, que as abelhas podem fazer tanto para a alimentação?

— Vou explicar isto à vocês. Vamos escutar com atenção a estória verídica que o Vô Bruno contou:

Em um município do interior do estado do Rio Grande do Sul, houve uma semana ruralista. O Vô Bruno estava lá, a convite da comissão. O povo reuniu-se todo no salão de festas da Igreja.

O Vô Bruno começou a fazer um teste, para saber onde ele teria que começar a falar sôbre apicultura. Primeiramente, ele perguntou aos colonos, se eles tinham árvores frutíferas: laranjeiras, pereiras, ameixeiras, macieiras, etc.

Foi Dona Adelaide quem respondeu às perguntas. Ela disse que tinha bastante árvores frutíferas, mas a terra era tão velha, que não prestava mais; não amadureciam as maçãs, peras só algumas, as laranjas também caiam tôdas as frutinhas, no chão. Este, ficava forrado de frutinhas, que despencavam e caiam, porque o arvoredo era doente e a terra era fraca.

Vô Bruno ficou emocionado e chocado com tanta ignorância e com o grande engano que nossos patrícios do interior estão vivendo. E mesmo, quem poderia tê-los ensinado o grande benefício que as abelhas trazem para a humanidade?

Sabem, meus alunos, o vô Bruno explicou para este povo humilde e bom, os grande benefícios que uma apicultura bem organizada traz para uma nação.

Ouçam as palavras do Vô Bruno nesta concentração popular:

«Meus caros ouvintes, faz poucos meses que regressei de uma excursão à Europa, onde fui para estudar a apicultura.

O que os prezados ouvintes pensam sôbre a terra desta rica colônia e sôbre os arvoredos, que não dão mais frutos, é muito errado, a terra nunca fica velha, quem envelhece somos nós, a fertilidade da terra se renova sempre.

Vi na Alemanha, Suíça, Áustria e França, tantas maçãs, peras e ameixas maduras, que os arvoredos estavam com os galhos arcados pelo peso das frutas, escoradas para não quebrarem. Isto em terras que ha mais de mil anos são ocupadas em plantações.

Como vêem, não é a terra que faz despencar as frutinhas das arvores, e sim, a falta de abelhas, que não estão ai para fazer a polinização cruzada nas arvores frutíferas. É sabido que a abelha recolhe em sua vesicula o líquido das flores e, em seu corpo peludo recolhe o pólen, que é o pó que da nas flores, depois disto, a abelha sobrevoa outra árvore frutífera, recolhendo no voo, com as pernas trazeiras o pó das flores aderido na penugem, visitando ainda outras flores de outras árvores da mesma espécie.

Mais uma coisa que precisam saber, é que uma abelha que trabalha em uma pereira, visita sòmente outra pereira, assim, uma abelha que visita e trabalha em uma laranjeira, visitará sòmente outra laranjeira.

Uma árvore frutífera que está florescendo, quando tapada com tela, de modo que nehuma abelha possa visitar as flores desta, nenhuma fruta será produzida por esta árvore. As flores que deviam produzir as frutinhas, despencam logo após o término da florada.

Quando uma flor não recebe o pólen de outra flor, esta não se desenvolve em fruta, cedo cai da árvore, que por sua vez desenvolve as folhagens, este é um sinal que a terra é boa.

As abelhas silvestres dos nossos matos são excelentes polinizadoras. Porém, se seus filhos descobrem uma melipona, um mirim, um guaraipo ou uma tubuna, no primeiro domingo convidam os amigos e lá se vão ao mato, derrubam uma árvore e destroem uma preciosa família de meliponas.

Inconscientemente, cometem um crime contra a natureza, contra a frutificação das plantas.

Vocês já notaram, que as nossas lavouras não produzem mais abóboras, melancias e pepinos como outra? Em lavouras, onde antes vocês colhiam carroçadas destas frutas, agora com um carrinho de mão podem levar quase tôda a colheita.

Não notaram que quando as abóboras floresciam não tinham abelhas nas flores destas; nem notaram, que as abobrinhas do tamanho de um dedo polegar, amarelava e despencava depois, e que mesma coisa sucedia com as melancias e pepinos? Quando arrancam amendoim, já notaram que a maior parte das nozes estão vazias ou chochas, como dizem, por falta de abelhas?

De hoje em diante, meus caros, não destruam uma melipona, por

causa de um provável punhado de mel.

Sem o auxílio das abelhas, não temos frutas, não temos azeites comestíveis e não temos alfafa para nossos rebanhos.

No dia 28 de agôsto de 1966, assisti a um encontro de apicultores franceses, suiços, austríacos e alemães em Freiburg, Floresta Negra.

Estava presente o Ministro da Agricultura e no discurso que pronunciou êle disse:

«Nas provincias da Floresta Negra, em Baden-Würtemberg, temos 360.000 colméias, que deram no ano de 1965, 20 milhões de marcos de mel e cera, lucro direto dos apicultores. Estas colméias deram um lucro, um aumento na produção de frutas e leguminosas no valor de 200 milhões de marcos».

Vejam, meus caros presentes, eu vi as frutas maduras nas árvores escoradas, vi as lavouras na colheita e o povo agradecia o sucesso às abelhas e ao govêrno que propagava a apicultura.

Em visita a um Instituto de Pesquisas Apícolas, fui informado pelo chefe, que o govêrno mantém estes institutos, com um chefe formado em Biologia e dois assistentes, também doutores em Ciências Naturais ou Biologia e mais três assistentes técnicos, fora o restante do pessoal, como mestre apícola, cujo curso é de 5 anos, mais dois ou três ditos aprendizes, com um curso completo de apicultura de 2 anos e os alunos de apicultura, que estudam 2 anos e trabalham em todo o estabelecimento, sem vencimentos, sem remuneração.

Prestem atenção! Em 1918, terminou uma terrível guerra, que precipitou a Europa em uma grande fome, por falta de produtos agrícolas.

Quando em 1923, a miséria chegou ao auge, o então govêrno alemão convocou muitos cientistas e incumbiu-os de estudar uma fórmula, que pudesse atenuar, pelo menos, a fome momentânea. Muitas propostas foram apresentadas, dentro estas, uma que provocou uma risada geral entre os que não entendiam do assunto.

Porém, o assunto foi debatido, os governantes que também não entendiam do mesmo, aceitaram a proposta diante das convincentes provas que o apresentante mostrou.

Ninguém teve coragem, nesta hora difícil, de combater o projeto de apicultura. Enfim, o projeto foi aceito e foram criados os primeiros institutos de pesquisas, com positivos resultados.

Logo foram criados em tôda a Europa, América do Norte e Canadá muitos destes institutos. Só na Alemanha Ocidental existem 17 destes Institutos em funcionamento, com uma verba federal de 500 milhões de cruzeiros, ou mais por ano.

Nas polinizações de árvores frutíferas os fruticultores pagam aos apicultores Cr$ 16,00 por colméias de aluguel por florada e o mel, naturalmente é todo do apicultor, o govêrno paga o transporte das colméias. So assim garantem abundante colheita de frutas, que são usadas para o consumo, fresco, como suco de frutas e passas de frutas de tôda espécie.

— Professor, explique mais uma vez, como as abelhas fazem a tal polinização cruzada?

— Neste vôo, as abelhas com uma escova que elas têm nas pernas, escovam o corpo, recolhem o pólen que está no pelo e juntam em cestinhas nas perninhas. Ao sobrevoar esta, ou outra árvore em flor, cai o excesso de pólen, assim um e outro dos milhares dos grãos de pólen caem sobre o estigma de uma flor e a fecunda, isto é a fecundação indireta.

Enquanto as abelhas recolhem o néctar das flores, o corpo delas penetra no meio dos estigmas com pólen, aderindo este ao pelo das abelhas; ao penetrar em outra flor, se desprende algum pólen que nela penetra, só assim se polinizam as flores das árvores frutíferas.

A polinização cruzada dá o vigor na fruta e consequentemente o vigor na planta que nasce desta semente.

Uma abelha que visita uma macieira, instintivamente visitará outra macieira, nunca uma pereira ou amexeira. Cada variedade de árvore florescida é visitada sempre pelo mesmo grupo de abelhas, até extinguir as flores. Quando tem duas ou mais macieiras florescidas, as abelhas que visitaram uma macieira, também visitam as outras macieiras, num vai e vem constante, isto se chama polinização cruzada.

Uma colméia que tem 80.00 abelhas campeiras, se organiza em grupos, cada grupo trabalha em determinada flor, às vêzes, este grupo trabalha em determinada flor e está tão bem organizado, que quando depositam o nectar recolhido, o fazem em determinado lugar no favo.

Quando nós, com a faca, desoperculamos um favo de mel, podemos distinguir pela cor, os diferentes grupos de mel nos favos, que ao centrifugar é misturado e forma um mel misto de muitas variedades de flores e produz um mel diferente do outro, mais claro, mais escuro, maior ou menor aroma, mais ou menos perfumado.

A cera produzida de diferente néctar também tem coloração bem diferente, que pode variar de creme claro até amarelo escuro e avermelhado.

Como vamos explicar mais adiante, a cera é uma gordura, que as abelhas produzem. Quando elas comem bastante mel e pólen, põem-se a dormir e após umas horas acordam, com 8 escamas de cera bem clara, em bolsas no abdômem. A cor é adicionada, de acôrdo com o pólen digerido que fornece o respectivo balsamo de pólen, que é utilizado através da saliva das abelhas no amassamento da cera, para a construção dos favos.

A cera pura, sem a mistura do bálsamo de pólen e apreciada com a parafina.

Agora já vimos o valor da polinização cruzada, vimos o valor da apicultura, que reside indiretamente 10 vezes mais na polinização das frutas e legumes, do que da própria colheita de mel e cera.

Vimos também, que os pobres colonos nao tem mais frutas, porque pensam que a terra não presta mais. Se não existe frutas e por falta de abelhas.

Vamos mostrar agora, que existem muitas especies de abelhas: temos as meliponas e trigonas, que no Brasil se conta 60 variedades.

Ast trigonas são as abelhas silvestres, que se defendem com unhas e dentes, mordem, se enrolam nos cabelos, etc. As meliponas são completamente inofensivas. Por isto constitui um pecado (furar uma melipona), destruir uma árvore, onde tem uma melipona.

Temos uma grande variedade de abelhas solitarias, estas tem ferrão, porém a maioria delas não fazem uso deste. Todas as vespas tem um terrivel ferrão que usa sem cerimonia, ao defender-se de qualquer um e uma ferroada destas vespas é muito dolorida.

As abelhas e vespas não mordem, apesar de ter dentes em forma de tenazes, estas ferroam com uma agulha, que é espetada em nossa pele e injeta um veneno dolorido. Por isso, nunca devemos dizer uma abelha me mordeu, se isto acontecer, devemos dizer, uma abelha me ferrou.

A abelha de que falamos, pertence à espécie Apis Mellifica.

Existe no mundo, mais ou menos nove raças de abelhas. Na Europa três, na Africa três e na Asia tres. Das seis raças existentes na Europa e Africa, formaram-se centenas de sub-espécies, tambám chamadas sub-tribos.

Proveniente da raça Cárnica, já se conhece, de acordo com Gottfried Götze mais de setenta sub-tribos, com hábitos diferentes, devido às

Continua na página 74

COMO COMBATER A ABELHA AFRICANA APROVEITANDO-A

Qundo falamos em combater a abelha africana, não queremos dizer que vamos sair por aí armados de carabina em perseguição das abelhas africanas ou fortemente africanizadas, nem combatemos a abelha agressiva com B H C, pois que não somos exterminadores, mas sim apicultores.

Combatemos abelhas africanas, aproveitando-as de várias maneiras, mas sempre com o propósito de obter um enxame de abelhas mansas e produtivas a mais e um agressivo a menos.

Com a maioria das abelhas do mundo pode-se fazer seleção simplesmente por substituição da rainha; coisa que aliás sempre se fez e sempre se terá que fazer, pois que sempre haverá degenerências dessa ou daquela família, por mais mansa que seja sua origem. Seria fastidioso enumerá-las todas.

Como a abelha africana não tem afininidade com a Européia, ela se recusa a àceitar a cera laminada, pois que esta tem dimensões próprias para as abelhas Européias, já que os alveólos das africanas são bem menores.

Para compreender-se esta recusa, é preciso ver-se em que ela se fundamenta. Sabendo que a rainha põe ovos femininos e masculinos regulados pelas dimensões dos alveólos, pois que os femininos (de operárias) tem exatamente as dimensões do abdomem da rainha e ao introduzí-lo no alveó-o, comprime a espermoteca que na passagem fecunda o ovo com um espermatozóide

Do mesmo modo, os alvéolos de zangão sendo maiores, não pressionam o abdomem da rainha. não fornecendo espermatozóide ao ovo que produz um macho. Por isso, o zangão também não é filho de pai, mas sim, seu avô materno e porisso não é possivel produzir hibridos de abelnas, a não ser por inseminação artificial. Bem mas isso já é outro assunto.

Compreendido como as dimensões dos alveolos são importantes já que eles são a causa determinante do sexo, podemos ver, porque uma rainha italiana não conseguindo introduzir o seu abdomem no alveolo do favo da africana por ser muito pequeno, faz com que ela interrompa a postura, causando a estagnação da colmeia e, quando uma coisa não funciona numa colmeia, esta precisa ser eliminada e, se essa coisa é a rainha, paciência, as abelhas tem recursos para produzir uma nova.

Com a abelha africana acontece o mesmo, porém as avessas. Como o alvéolo da cera laminada comum é muito largo, não comprime a espermoteca da rainha, ela não aceita a cera laminada porque não lhe permite por ovos fecundados que produzem operárias

Sabendo que as abelhas fortemente africanizadas não aceitam, eliminam a rainha mansa pelos motivos expostos acima, passamos a mesclar os favos da colmeia que queremos italianizar, dando-lhe alguns favos de abelhas grandes, antes da introdução da rainha italiana em colmeia africana.

Dessa maneira, quando a rainha é introduzida. já encontra favos em que fazer sua postura, e não dá motivo as operárias africanas de eliminá-la, aceitando-a.

Depois de conhedidas essas manhas das africanas é facil italianizar um apiário inteiro em pouco tempo. O dificil é mantê-lo isento de africanas, mas consegue-se.

Agora, já não faço introduções de rainhas italianas, mas faço uniões de obelhas africanizadas para reforçar as colmeias italianas fracas, que precisam de um reforço, sabendo-se que, os favos de africanas devem ser colocados nas extremidades, até que as abelhas tenham nascido todas e, ficam para depósito de mel, mas sempre que posso, derreto-os tão logo estejam desocupados, porque as abelhas grandes européias, não trabalham bem nelês.

Geralmente, faço a divisão das abelhas agressivas por várias colméias. isto para "desmoralizá-las" ao máximo. para que aceitem as normas da casa nova e, não possam impor a sua vontade agressiva a ela. Quando o enxame das africanas é pequeno, dou os favos para uma e, as abelhss em união pela folha do jornal, para uma outra colméia.

É assim que faço o meu combate às africanas, agressivas ou improdutivas. Nada mais simples: Logo que o enxame chega. procuro a rainha para exterminá-la. apertando-a entre os dedos, dou pos fovos a uma e uno as abelha pelo sistema da folha do jornal à uma outra colmeia fraca. Note-se que o reforço nunca deve ser maior do que o enxame fraco a ser reforçado.

Este é o sistema de melhoramento que adotei, levado pela experiência, baseada nos insucessos sofridos e, que dou de presente aos colegas que queiram amenizar a agressivldade das suas colméias ou àqueles que não gostam de levar ferroadas e, queiram eliminar focos de perigo para suas vidas, dos seus animais ou dos seus visinhos,

É assim que combato a abelha africana, sem extermina-la.

Por Adolfo Max

ESCREVE O LEITOR

Buenos Aires, diciembre 9, 1971

Ilustrissimo Señor Schirmer:

El colega agronomo Señor Carlos A. Casas, de JESUS MARIA, Cordoba, ha venido a visitar-me y me ha traido los números 1-2 y 3 de "A Colmeia". Me ha interessado muchissimo su lectúra.

Hace ya varios años he detectado la presencia de la abeja africana en el norte de Argentiua y mi primer consejo, al igual que hoy es: erradicar esa abeja; luchar contra ella introduciendo reinas de raza caucasiana ó carnica pacificas y resistentes a enfermedades. La abeja caucasiana la estamos ensayando desde hace unos 19 años. La carnica hace menos años, especialmente a instancias del senor Karl Heinz Franz N. — Casilla 147, Puerto Varas, Chile. La encontramos una gran abeja. Estamos promocionando su utilizacion; tenemos como madres reinas de Hanz Rutner, de Austria.

El Dr. Pedro A, Boggino - San Jose de los Arroyos, Paraguai, ha llevado reinas caucasianas y carnicas criadas aqui en 25 de mayo y las encuentra buenissimas para combatir a las africanas. Coincido con ud. en el valor que tienem muchos pequenos apicultores, con 30-50 o 80 colmenas con abejas pacificas, en el patio de sus casas Muchos apicultares de este tipo, producen muchissimas toneladas de miel en coujunto. Esto se puede lograr unicamente con abejas pacificas. Otra cosa: es dificil conseguir que se entusiasmen con la apicultura los jovenes si las abejas son agressivas y no se pueden manejar y por tanto no se pueden explotar. A los jovenes hay que eutusiasmarlos con abejas pacificas, faciles de manejar y por lo tanto se veren compensados en sus esfuerzos. And so on

Por separado le remito algunas hojas sobre temas apicolas, Aprovecho la oportunidad para saludar a Ud. con apreciada consideracion y agregar los mejores deseos de exitos y larga vida para "A Colmeia',. Sinceramente

Moisés Katzenelson
Especialista en apicultura

Jornal Ténico de Apicultura, Agricultura
"CULTURA E HISTÓRIA"
Edição Mensal
Têrmo de depósito do regist. N.º 1078
TELEFONE 2116

A Colméia

Proprietário: Diretor e Editor
BRUNO SCHIRMER
Endereço Telegráfico e Fonográfico:
"A COLMÉIA"
CAIXA POSTAL 472

97-100 — Santa Maria - Rua Duque de Caxias 1295 - Rio Grande do Sul - Brasil

EXPLICAÇÃO

Em 1966, viajei para conhecer a abelha preta, que os escribas brasileiros tanto propalavam (em meu Diário de viagem. consta quase tudo sôbre o que vi de apicultura. nos países do Velho Mundo).

Chegando a Stuttgart, no dia seguinte fui visitar, em Hohenheim o Instituto de Apicultura. Fui recebido régiamente pelo Dr. Georg Vorwohl. moço, inteligente, que fala perfeitamente diversas linguas Conversando com êle, disse que tinha passagem para Milão, Roma e Bolonha e êle me perguntou o que eu queria ver em Bologna.

Eu disse-lhe e êle respondeu. "Se é só isto, pode poupar seu dinheiro, porque faz três semanas que vim de la. Estive em Bolonha 14 dias e posso dizer-lhe tudo que vi e assisti,,'

Primeiro de tudo é uma fábrica de divisas, o que chamam de abelha pura Apis Ligustica, nem lá existe. A abelha cárnica está sempre nos calcanhares deles. com grandes gastos e grande "policiamento,, Limpam a zona.

Produzem e exportam rainhas, quase sempre hibridas comerciais impróprias para a reprodução. Lá, também nós compramos rainhas para experimentações controladas. Na Alemanha controla-se a seleção de abelhas, o que no clima do Brasil não é possível, devido ao estrago feito pelas abelhas africanas, que se controla somente com fogo e água quente.

Após visitar o Instituto dc Honenheim, fui ver o Instituto de Pesquisas Apicolas em Erlangen, onde também fui muito bem recebido. Vi abelhas bastardas italianas e cárnicas! Como é natural, fiz muitas perguntas, sôbre o porque desta bastardia de abelhas.

A resposta do Dr. F. Böttcher foi, lamentando o fato dos seus antecessores não se darem conta do mal que faziam com a mistura das abelhas "Agora, disse-me êle, nós estamos enveredendo para uma raça única, a cárnica. Esta semana, substituimos em redor de nosso pôsto de fecundação (que chamam em alemão de Belegstelle). 200 rainhas puras cárnicas.

O preço de cada rainha varia de 16 a 20 marcos, mais o trabalho do nosso pessoal.

Em outras palavras. o Prof. Dr. Friedrich Böttcher me comunicou que o irmão Adam, de Buckfast' tinha um livro no prelo, para ser lançado no encontro nacional de Freiburg, que êle conhecera e revisou os originais, Tinha muito fundamento o estudo do irmão Adam.

Depois fui a Cele-Hanover. Lá tem um dos principais Institutos, lotado por um pessoal dos mais competentes da Alemanha, cujo chefe é o grande Dr. Walter Kaeser, observador e conhecedor como ninguem, assistido por uma laboratorista que conheci, como a estrela de primeira grandeza em conhecimento de analises de mel e pólen e se chama Srta Elida Focke

Durante horas conversei com o Dr. Kaeser e disse-lhe qne gostaria de conhecer a apicultura e a abelha do Cáucaso. Perguntou-me o que eu queria saber da abelha caucásica, naturalmente não deixei faltar perguntas. Respondeume o Dr, Kaeser, que fora com seu carro ao cáucaso para ver a apicultura, que naturalmente é muito desenvolvida.

O ilustre Dr. W. Kaeser me esplicou que, realmente no Cáucaso houve um encontro de raças de abelhas: cárnica e anatólica, que formaram muitas tribos, de diferentes cores, desde o cinza até o amarelo ouro, que nada tem que ver com a hoje abelha Ligústica.

No Cáucaso nota-se 5 diferentes colorações de abelhas. fóra as intermediárias. Em certo lugar dos montes bo Cáucaso predomina a abelha amarela, não a abelha italiana.

Quando fui a procura da abelha Nigra, conforme já leram em "A Colméia", foi o Dr. Kaeser, o único que disse que dificilmente eu encontraria a abelha Nigra na Alemanha. Além da cárnica é a abelha caucásica (que descende da cárnica) a melhor abelha conhecida no mundo'

Continuei interrogando o ilustre Dr. W, Kaeser (até aí não sabia que esta era uma das maiores sumidades alemãs em apicultura, quando os cientistas precisam de um trabalho de grande importância, imediatamente é designado para tal, com sua equipe. Quando êle foi encarregado de fazer uma pesquisa mundial, sôbre o valor do mel, pólen e geleia real, o Dr. Kaeser dirigia-se a mim, para auxiliá-lo, informando-o sôbre o assunto. Recebi uma carta dele, agradecendo a colaboração. dizendo que minha contribuição ao nosso trabalho teve um significado de alcance mundial.

O Dr. Kaeser foi ao cáucaso ver de perto a apicultura caucásica e era quem podia dar-me melhores informações. Quando dizem que a abelha caucásica ou a cárnica são muito enxameadores, isto é, provém de conversa fiada, carece de todo fundamento.

Quando alguém vê uma abelha amarela na Russia não precisa pensar ou acreditar que são abelhas italianas. É muito natural que a Russia importe matrizes de abelhas italianas, para cruzamento dirigido.

Perguntei ao Dr. Kaeser o que êle achava sôbre minha teoria, de "Quando as abelhas foram criadas ha milhões de anos, as raças. não se formaram de acôrdo com o ambiente? Isto é, a abelha nórdica, preta por causa das florestas negras.

Continua uo próximo número

Alô Dr. M, Katzenelson - B. Aires
Recebi o precïoso presente "Iniciación Apícola"!
Meu muito obrigado - A Colméia.

CLICHÊS
(MICRO - ZINCO - BORRACHAS - PLÁSTICOS)
FOTOLITOS
DESENHOS
CARIMBOS
Provas Tipográficas

AS ABELHAS
Excelente jornal de apicultura
15 anos de existência
todos os apicultores brasileiros devem assinar êste mensário, cuja assinatura anual custa sòmente 40 escudos.
Pedidos por intermédio de
A Colméia